

ÁLBUM DO PIBID FURG 4

Maria do Carmo Galiazzi
Ioni Gonçalves Colares
Vivian da Silva Paulitsch

ÁLBUM DO PIBID FURG 4



Rio Grande
Editora FURG
2015

ÍNDICE

- A VIDA TEM A COR QUE VOCÊ PINTA - ANDRESSA FARIAS BARRIOS | PIBID ARTES
- TEMPO RUIM - CLAUDIA MORAES SILVEIRA TAVARES | PIBID ARTES
- O CIRCO MÁGICO - PETERSON KEPPE | PIBID BIOLOGIA
- UMA GRANDE LIÇÃO - LIDIANE RAMOS DA SILVEIRA | PIBID BIOLOGIA
- EL MIEDO DE MARINA - JULIANE NUNES DE LEMOS | PIBID ESPANHOL
- A IMPORTÂNCIA DE REALIZAR UM SONHO - MARLA CRISTINE MADEIRA PEREIRA | PIBID ESPANHOL
- O LÚDICO E A VIVÊNCIA, JUNTOS CONSTRUINDO SABERES - CRISTIANE MARTINEZ PEREIRA | PIBID FÍSICA
- UMA NOVA FORMA DE ESTUDAR E VER A FÍSICA - PATRÍCIA MILANO LONTRA | PIBID FÍSICA
- A MINHA TURMINHA - ALESSANDRA BASTOS DA SILVA PADILHA | PIBID FRANCÊS
- NO INTERVALO, UM CAFÉ... - PATRÍCIA VIATROSKI CARVALHO | PIBID FRANCÊS
- UM SENTIMENTO EM COMUM - BIANCA BEATRIZ ROQUÉ | PIBID GEOGRAFIA
- UM MUNDO NOVO - TUANA HERES | PIBID GEOGRAFIA
- DIA DA CRIANÇA: DIA DE SOL E CALOR NOS CORAÇÕES - CARMEN AMARÍLIO | PIBID EAD CIÊNCIAS
- O ENSAIO - RENATA LOBATO | PIBID GESTÃO ESCOLAR
- PORQUE SEMPRE FOI ASSIM - KATHLEEN KATE AGUIRRE | PIBID HISTORIA

DE VOLTA AO PASSADO - NORMA SANTOS MOTTA | PIBID HISTÓRIA

A ESTAGIÁRIA SONHADORA - ALICE COSTA | PIBID INGLÊS

POR QUÊ? - GABRIELY C. PINTO | PIBID INGLÊS

PALAVRAS NÃO DITAS - AYANA CELINA GONZATTI | PIBID MATEMÁTICA

A CONQUISTA DE MATEUS - FLÁVIA CEIGLINSKI BELMUDES | PIBID MATEMÁTICA

A NÉVOA TRISTE - ROSILENE MEDINA BORBA | PIBID PEDAGOGIA

TRUPE ENCANTADA - CÉLIA MARIA DA SILVA SOARES | PIBID PEDAGOGIA

PROFESSORA, QUANDO VAMOS ESTUDAR GRAMÁTICA? - JEICI VEGA PEREIRA DE ÁVILA | PIBID PORTUGUÊS

NA ESCOLA, UMA INESQUECÍVEL LIÇÃO - ROSELY MACHADO | PIBID PORTUGUÊS

A AULA DE QUÍMICA DE EDUARDA - ANDRÉIA VASCONCELOS | PIBID QUÍMICA

A BOLA COM O DOIS PENDURADO - TATIANE SOUSA | PIBID QUÍMICA

O ESPLendor DO AZUL DO MAR - GÊISELA SAN MARTINS FONSECA | PIBID EDUCAÇÃO AMBIENTAL

DANÇA DA ABORDAGEM - FABIANA CANUSOLLAURINO | PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA

A ATITUDE DOS "DONOS DA QUADRA" - THAIS MORTOLA DIAS | PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA

UM ALUNO MUITO ESPECIAL - SIMONE GINAR DA SILVA | PIBID EDUCAÇÃO AMBIENTAL

APRESENTAÇÃO

Rio Grande, primavera de 2015

Caros Leitores,

Chegamos a mais um Álbum do PIBID da FURG!

Só quem acompanha o trabalho de produção das histórias e do Álbum pode entender mais da satisfação que temos quando chega a hora de escrever esta apresentação. Sempre a última coisa que se faz. Tudo pronto para a impressão, é hora de apresentar então o que foi resultado de muitas reuniões, escritas, reescritas, correções, rascunhos, desenhos, composições que resultaram neste livro cheio de sala de aula, de experiências, de emoção, encantamento. Neste ano, como nos anteriores, temos histórias de todos os projetos coordenados pelo PIBID Institucional da FURG. São alunos das diferentes licenciaturas e professores supervisores que durante o ano registraram por histórias momentos vivos da sala de aula. Entregamos então mais este Álbum do PIBID Institucional FURG com este sabor de uma ideia que se prolonga. Iniciada em 2008, teve sua primeira produção em 2011, chegando às vésperas do Natal daquele ano. O segundo, em 2013, o terceiro em 2014, o quarto em 2015, sempre em novembro. E assim espera-se continuar com o Álbum como prática pedagógica que assume o registro da sala de aula como modo de constituição do professor.

Está aqui um denso material que nos apresenta como formadores de professores em uma formação acadêmico-profissional. O que é uma formação acadêmico-profissional? É aquela que articula a formação na Universidade com a formação na escola. E no PIBID assim pensamos. O professor supervisor do PIBID, professor experiente da rede pública de Educação Básica nos forma. O aluno da Licenciatura nos forma. Nós, professores das Licenciaturas nos formamos. Nesta intrincada rede de relações, vamos aprendendo a sermos professores em Rodas de Conversa que tem como foco a sala de aula e dela fazemos registros mais sistemáticos nos portfólios, um por professor supervisor, e fazemos histórias como atividades agregadoras dos diferentes subprojetos. O estudo de cada disciplina ou área do conhecimento acontece nas reuniões semanais dos projetos específicos, momento também em que se leem e se escolhem as histórias que vão compor o Álbum.

Resultado também deste trabalho, este ano tivemos um presente. A Editora da Universidade, reorganizando-se em sua estrutura, decidiu ter linhas de editoração para divulgação da produção intensa da FURG e fomos duplamente presenteados. Por um grupo que coordena a formação continuada da FURG, o Comitê da Formação Continuada – Comfor, fomos agraciados com o aceite para publicação da primeira produção da Formação Continuada, ação também oriunda do PIBID, que são os livros do Cirandar: rodas de investigação desde a escola. Vai ser o terceiro livro em que relatamos nossas salas de aulas acompanhadas por diários de campo e por leituras compartilhadas durante o ano letivo. O Cirandar também é um processo anual de formação acadêmico-profissional para professores de qualquer nível de ensino que apresentam sua sala de aula, leem registros de colegas, propõem melhorias na escrita, se encontram num evento final para apresentar seus trabalhos. A escolha dos relatos acontece em disciplinas da Pós-graduação que tem por foco integrar pesquisa, ensino e extensão em ações conjuntas.

Não fosse isso só suficiente, a mesma editora entendeu que o PIBID poderia ter uma linha editorial própria e delegou a tarefa de estruturação desta linha à Comissão de Acompanhamento do PIBID – a CAP. E tínhamos um livro prontinho para entregar a CAP também. Um livro denominado de Narrativas da Docência, quando tivemos articulado ao PIBID um curso de especialização que originou um conjunto de trabalhos de conclusão organizados neste livro. Também um trabalho de muita gente que escreve, lê, estuda, teoriza a sala de aula da Educação Básica.

Assim, que vocês percebem essa questão da escrita que resulta em produções que inicialmente não tem o caráter da pesquisa científica, mas que tem o caráter da pesquisa educativa, se ainda não realizada, produzindo material para concretizá-la. Não é por nada que de dentro do PIBID também saíram Trabalhos de Conclusão de Curso – os famosos TCCs, de graduação e de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Não há dúvida que estamos potencializando a formação docente em todas as instâncias em que atuamos, não é mesmo? Assim que continuemos com este dinamismo do PIBID! E para concretizar este pensamento nada melhor do que poesia que extrapola os significados das palavras apresentando paisagens diferentes a cada um. Uma paisagem para pensarmos a formação docente com o registro das palavras, que formam textos, que formam imagens, que formam histórias das nossas salas de aula!

O que nós chamamos começo é geralmente o fim
E estabelecer um fim é estabelecer um começo.
O fim é de onde nós começamos. E cada frase
E sentença que está correta (quando cada palavra está em casa,
Ocupando seu lugar para suportar as outras,
A palavra nem insegura nem ostentosa
Uma fácil negociação entre o velho e o novo,
A palavra comum exata sem vulgaridade,
A palavra formal precisa, mas não pedante,
O completo conjunto dançando juntos)
Cada frase e cada sentença é um fim e um começo,
Cada poema um epitáfio. E cada ação
É um passo ao centro, ao fogo, às profundezas do mar
Ou é uma rocha misteriosa: e isto é onde nós começamos.
(T.S.Elliot, Little Gidding, 1942)

O mesmo podemos dizer das histórias contidas neste Álbum do PIBID FURG 4!

O que apresentamos agora é um final e dele já iniciamos o próximo Álbum com suas histórias que foram sendo contadas durante este ano. Um ano ainda teremos para prepará-las para em novembro vindouro novamente apresentá-las. Um fim e um começo juntos, como diz o poema. E assim entendemos a formação acadêmico-profissional pelo PIBID Institucional da FURG!

Por isso, quem vive o PIBID como vivemos, e este Álbum mostra parte de nossa formação, vão entender as palavras que vem agora: FICAPIBID!

Que apreciem a leitura como nós apreciamos a produção de cada história, de cada palavra em seu lugar a sustentar as outras!

Coordenação do PIBID Institucional da FURG (Maria do Carmo, Ioni, Vivian).

A VIDA TEM A COR QUE VOCÊ PINTA

ANDRESSA FARIAS BARRIOS – PIBID ARTES
ILUSTRAÇÃO: RODRIGO ROMEU

Na Rua Treze, havia um artista que era feliz por ter um desejo grande de pintar. Certo dia, com seus pincéis e suas tintas nas mãos, olhou para a tela e pensou: "eu sei pintar, mas de onde vem meu desejo?".

O que será que passa pela cabeça de um artista no momento em que ele está criando, desenhando e colorindo suas histórias, telas, esculturas e personagens? Sabemos que o artista manifesta muitas emoções em sua arte cotidiana. Seus riscos, formas e cores são a forma de expressar o mundo em que vive.

Então, o artista caminhou de um lado para o outro, coçou a testa e resolveu sair pela rua afora. Percebeu haver muito tempo que não via os cães e as pessoas. Ele começou a observar como uns lugares são coloridos e os outros nem tanto; viu que as pessoas são de cores diferentes e isso o deixou com uma coceira nas mãos, de modo que quanto mais via pessoas, animais e objetos, mais tinha essa coceira.

Até que, do outro lado da rua, ele viu a menina mais linda do mundo, ela era negra como o céu sem estrelas e seus cabelos pareciam nuvens de tão macios. Surpreso com a beleza da menina, o artista atravessou a rua e foi falar com ela.

-Onde você encontrou a cor de sua pele?

-Não sei, sei apenas que nasci assim – disse a menina.

-Mas eu nunca tinha vista tal cor! – tornou a dizer o artista ainda muito impressionado.

-Então você nunca olhou muito por aí, porque existem muitas pessoas com a cor igual a minha.

E a menina saiu andando enquanto o artista a observava

Foi aí que o artista avistou um menino castanho. Castanho como a terra do chão, castanho igual aos troncos das árvores, castanho como um chocolate ao leite.

Também observou pessoas brancas como o açúcar ou amarelas como o sol, pretas como o céu sem estrelas, vermelhas como cerejas, castanhas como a terra.

O artista voltou para casa maravilhado com tanta diversidade, pegou seus pincéis e suas tintas e, quando fez o primeiro risco na tela, descobriu que, em muitos casos, o desejo de pintar pode vir quando observamos as pessoas com beleza e respeito.

Descobriu que as diferenças e a riqueza da beleza das cores é que fazem, para ele, o desejo de pintar. Assim, pintou uma tela intitulada de "O abraço das cores".



TEMPO RUIM

CLAUDIA MORAES SILVEIRA TAVARES – PIBID ARTES

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

É comum, nos dias de chuva, as crianças da escola não comparecerem. Não há uma explicação plausível, acredita-se que ao ficarem embarradas, as ruas impossibilitem o deslocamento que, na maioria das vezes, é realizado a pé. Mas igualmente para os alunos que são levados à escola de carro, isso se tornou normal. Ou seja, o fato de meus colegas faltarem em bando significa que não terei com quem conversar e com quem me distrair na hora do recreio ou mesmo durante as aulas. O que intriga, nessa situação em que o tempo ruim se apresenta, é perceber que os próprios professores condicionaram seus alunos. Sim, pois sabendo que poucos comparecem, e tendo por lei o respaldo de não ser possível dar novo conteúdo, o professor acaba se acomodando.

Para entender melhor como esse fato ocorre, um resumo: quando chove aparecem em média na escola uns dez alunos de turmas e anos diferentes, daí o professor poderia ficar com sua turma, na figura de apenas um aluno que fosse, e com esse fazer uma revisão no conteúdo, possibilitando, quem sabe, identificar as fragilidades no processo de aprendizagem, já que o atendimento seria particular. Mas não, isso não ocorre, e quando algum professor tenta mudar isso, todo o restante “cai em cima” dele, para que não se torne usual atender individualmente um aluno, por falta de quórum em dias de mau tempo.

Então, num dia em que o tempo assim se fez, chuvoso, frio e acinzentado, pouquíssimos alunos apareceram na escola. O diferencial foi a presença de um bolsista do Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) em Artes que, conforme sua rotina na escola, não faltava devido às intempéries. Tal bolsista, empolgada por seu primeiro ano de estudos e pesquisas na escola, num processo de ensino/aprendizagem entusiasmado, não compreendia como os professores deixavam os alunos juntos assistirem a um vídeo qualquer para cumprirem o horário na escola, pois havia poucos de cada turma e com faixas etárias diferentes.

O pensamento da bolsista voou longe e, quando pousou na sala dos professores, transformou-se em ação. Numa atitude repentina, organizou os três alunos, que deveria encontrar naquele dia e levou-os para a sala de artes para uma atividade diferenciada.

Obviamente, alguns professores reclamaram, principalmente para o professor de Artes responsável pela bolsista. Mas, como que em defesa de algo há muito adormecido, o professor abriu um sorriso e calmamente chamou atenção dos demais colegas, lembrando-os da importância de valorizarmos cada indivíduo, cada história, cada presença na escola. Afinal, aqueles alunos foram estudar, foram à procura de novos saberes, se esforçaram apesar do tempo ruim de chuva e frio para estarem ali.

A partir daquele dia, devido à presença de um bolsista com sede e fome de aprender e ensinar, todos os dias chuvosos foram preenchidos por maior frequência de alunos, pois o movimento se fez contrário e positivo ao que se entendia por “tempo ruim” na escola.



O CIRCO MÁGICO

PETERSON KEPPS – PIBID BIOLOGIA
ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

No início de uma bela manhã, toda a comunidade bicho-de-pé estava alvoroçada com a chegada de um circo mágico. O avião, no alto das nuvens, fazia o grande anúncio dos dias e horários. O carro de som passava de hora em hora animando e convidando todos para a grande temporada que teria início em três dias.

No dia seguinte, não se falava em outra coisa na Escola Taubaté. Os alunos mal conseguiam se concentrar nas aulas, de tanta euforia. Nem todos, porém, teriam a chance de conhecer e se aventurar no fantástico mundo do circo, já que boa parte dos que estudam nessa escola não têm dinheiro para pagar o ingresso.

Jimmy, juvenzinho desbravador e sonhador, começava a pensar em mais um de seus planos mágicos.

O que será que ele aprontaria desta vez?

O menino, que queria mudar o mundo e todas as coisas que faziam mal, fez uma caminhada até o local de montagem, instalação do circo. Ao lá chegar, encontrou uma trupe animada de homens e mulheres que lhe perguntaram:

– O que fazes aqui, garotinho? O circo abrirá somente em dois dias.

– Estamos recém-terminando de montá-lo – informou um homem com uma voz bastante engraçada e aguda.

– Esse deve ser o palhaço – pensou ele.

– Sim, eu sei. É que vim até aqui ajudar vocês nesta montagem e assim conseguir que meus amigos lá da escola Taubaté possam vir assistir ao grande espetáculo do circo mágico.

– Olha, agradecemos tua ajuda, mas não precisa, não. Já estamos quase terminando e, além do mais, não é certo colocar um jovem menininho para trabalhar.

– Mas já sou grande – retrucou o guri.

Ao ver que não teria sucesso nessa tentativa, acenou e foi embora triste, muito triste, mas sem nenhuma chance de desistir de seu objetivo.

Jimmy não é o Pedrinho do Sítio do Pica-pau Amarelo, mas sonha sim em ser herói, pirata e domador. E esse menino sonhador, em poucas horas, teve mais uma de suas ideias.

No dia seguinte, conversou com alguns professores da escola sobre a realização de um grande evento artístico, que envolveria não apenas seus amigos como, também, professores e funcionários que lá trabalham.

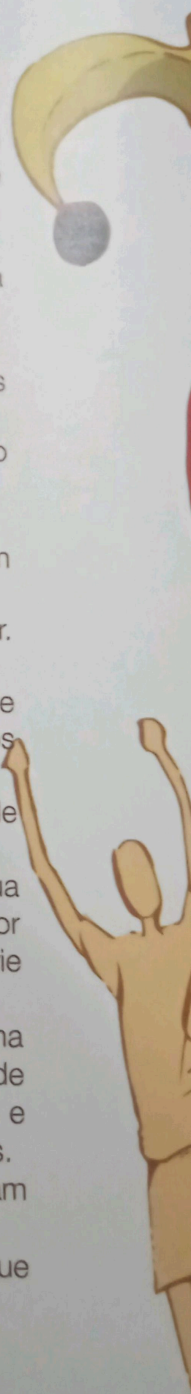
Os professores logo se interessaram pela ideia e, juntamente com Jimmy e todos da comunidade bicho-de-pé, começaram a desenvolver a semana cultural da escola.

Passado um tempo, o Circo já tinha feito suas apresentações e se preparava para ir embora. Por sua vez, o evento mágico da escola Taubaté seria iniciado, com apresentações de teatro encenadas por alunos e professores, danças, música, amostra de brinquedos, pinturas, histórias contadas e uma série de atividades que marcariam para sempre aquele momento.

Uma grande surpresa de todos, ao final das apresentações que encerrariam o evento, foi que uma trupe de palhaços do circo mágico apareceu na escola – para a alegria e mais uma vez euforia de todos. Mais que aplaudir e se divertir com os palhaços, eles conseguiam sentir a emoção, o brilho e todo o encanto do fantástico mundo do circo com aqueles divertidos e desvergonhados palhaços.

Os alunos não puderam assistir ao espetáculo do circo mágico por inteiro, mas se tornaram formadores de um, pois se envolveram e criaram um momento único na escola.

Torçemos para que apareçam mais professores dispostos e alunos participativos como Jimmy. E que juntos tornem sua escola um espaço cada vez mais agradável, de amor e de respeito.





UMA GRANDE LIÇÃO

LIDIANE RAMOS DA SILVEIRA – PIBID BIOLOGIA
ILUSTRAÇÃO: RODRIGO ROMEU

Júlio tinha quinze anos e estava no ensino médio. Era um menino que tinha muito apreço por animais e, por isso, tinha dois: Bola-de-Pelo e Farofa. Bola-de-Pelo era um gatinho preto e Farofa um cachorrinho vira-lata. Certo dia, Bola-de-Pelo e Farofa começaram a conversar e a relembrar o que tinham passado na rua antes de Júlio os resgatar:

– Tínhamos uma casa, onde morávamos minha mãe, meus irmãozinhos e eu. Um dia, eles nos pegaram e colocaram dentro de uma caixa, deixaram-nos em uma rua onde passava um monte de carros. As pessoas faziam umas caras meigas, mas ninguém nos tirava daquele lugar barulhento, que nos doía os ouvidinhos. Até hoje, não sei direito o que aconteceu, o que fizemos de errado para nos abandonarem; eu era um bom filhote.

Bola de Pelo retrucou:

– Para ti e teus irmãos ainda olhavam com cara meiga e, para mim, que não sou filhote e sou um gato preto? O que as pessoas têm contra gato preto? Não trago azar, nada tenho de diferente dos outros gatos, sejam eles, amarelos, brancos, listrados. Pouco antes de Júlio me resgatar, umas pessoas com caras de más vinham para cima de mim. Ainda bem que ele me salvou. Não sei o que teria acontecido.

Ao ouvir todo aquele burburinho, com latidos e miados, Júlio começou a se lembrar do quanto ama animais e como isso despertou nele.

– Minha família nunca foi de maltratar animais, mas também nunca lhes deu muita importância. Nas aulas de Ciências da professora Bianca, ia um pessoal que fazia uns trabalhos com ela. Era lá da Furg, tal de Pibid. Junto com a professora, eles fizeram umas práticas muito legais, mas, a que mais me marcou, sem dúvida, foi uma palestra falando dos animais. Animais têm sentimento. Devemos respeitar todo tipo de vida; isso mexeu tanto comigo que vim correndo para casa, contei para os meus pais e, depois disso, não conseguimos ser indiferentes quando vimos algum animalzinho na rua como vocês, meus bichinhos. Fico tão triste quando vejo as pessoas tratarem animais como se fossem objetos, porque eles sentem amor e dor assim como nós. Meus amiguinhos, vocês podem ter certeza, eu amo vocês e nunca vou abandoná-los.

Bola de Pelo e Farofa não entenderam uma palavra que Júlio disse, mas nem precisavam, eles se entendiam apenas pelo olhar.



EL MIEDO DE MARINA

JULIANE NUNES DE LEMOS – PIBID ESPANHOL
ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Desde niña, Marina deseaba ser profesora. Su juego preferido no era jugar a la casita ni a las muñecas; lo que le gustaba de verdad era jugar a la maestra. Montaba en su habitación un aula donde sus muñecas se tornaban alumnas; incluso cuando se reunía con los primos, trataba de convencerlos a volverse sus alumnos.

El tiempo pasó y a Marina no se le ocurría otra idea que no fuera la de ser profesora. Tal vez ese deseo fuera resultado de los ejemplos que tenía en casa, pues su mamá era maestra y su hermana mayor seguía el mismo camino, ya que estudiaba magisterio. Pero Marina tiene un problema, en verdad es un desafío que ella siempre ha enfrentado: la timidez y el miedo de hablar en público. Nunca se sintió tranquila en situaciones donde tenía que presentar trabajos en clase o hablar delante de mucha gente. Siempre se ponía nerviosa, temblaba y muchas veces llegó a olvidarse de todo lo que tenía que decir. Era algo que ella no podía controlar. Creía que cuando entrara en la facultad eso cambiaría y ella pasaría a sentirse más segura, pero eso no sucedió. El miedo de decir algo equivocado, de no saber qué hacer y de ser juzgada por los alumnos siempre le asustó.

Ahora, cursando el último año de un profesorado, ha llegado la hora de Marina enfrentar uno de los desafíos más grandes de su vida: entrar en un aula como profesora y dar clases. Cuanto más el primer día de la temida pasantía se acercaba, parecía que toda la inseguridad del mundo la dominaba.

En una atención individual con su profesora orientadora, Marina resolvió desahogarse y decir que no se sentía preparada o capaz para dar clases. Al escuchar esto, la profesora le dio coraje, diciéndole a la chica que ella era una de las mejores alumnas que ya tuvo y que no había ninguna razón para ponerse tan nerviosa e insegura, pues sabía que Marina era buena y que tenía un gran potencial, asegurando que ella debería confiar más en sí misma. Le dijo también que todos sentimos un poco de miedo delante de algo nuevo, y así su inseguridad era normal y que ella no debería preocuparse con esto, pues todo saldría bien.

Al escuchar las palabras de la profesora, Marina percibió que tener miedo es normal, que nadie sabe de todo y que la vida está hecha de desafíos que debemos enfrentar.

Marina, que ahora está más segura, ya no puede esperar para que se inicie su pasantía. Pues quiere tener la oportunidad de ayudarlos a sus alumnos, no sólo para enseñarles los contenidos, sino para incentivarlos, de la misma manera que hizo su orientadora, mostrándoles que son capaces de conseguir lo que quieren y, que para eso, sólo basta tener ganas y coraje.

De hecho, el mejor profesor es aquél que cree en su alumno y lo incentiva a llegar cada vez más lejos, mostrando sus puntos fuertes y ayudándolo a superar los desafíos que la vida nos impone, siempre dando fuerza para que consiga realizar sus sueños, aunque parezcan imposibles.





A IMPORTÂNCIA DE REALIZAR UM SONHO

MARLA CRISTINE MADEIRA PEREIRA – PIBID ESPANHOL

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Aline era uma menina de classe média alta que vivia em uma pequena cidade. Seus pais eram médicos renomados e possuíam uma clínica famosa.

Desde cedo, ela ouvia seus pais, tios e avós dizerem que ela seria médica e que assumiria os negócios da família, o que a fazia sentir-se pressionada, ainda mais que não tinha ninguém para dividir esta responsabilidade, pois era filha única.

O que todos esqueceram foi de perguntar o que ela realmente gostaria de fazer, quando adulta. Durante a infância, Aline adorava brincar de professora, mas não era como as outras crianças; era uma brincadeira que a fazia imaginar seu futuro.

Passaram-se os anos e o sonho de ser professora permaneceu fixo em seu coração, até que chegou o dia de Aline prestar o vestibular, em que se saiu muito bem, deixando seus pais radiantes e seguros de que ela entraria para o curso de medicina. No dia das inscrições para o curso pretendido, porém, Aline se inscreveu em um curso de licenciatura. Seus pais ficaram indignados com a decisão.

Passaram-se os quatro anos da graduação e os pais de Aline permaneciam desapontados com a filha; em contrapartida, ela vivia a melhor fase de sua vida, extremamente feliz com a escolha feita.

Aline lecionava em uma escola de sua cidade, colocando em prática tudo o que sempre idealizou, trabalhando com projetos inovadores que faziam os alunos admirar e respeitar. Certo dia, na clínica de seus pais, um menino que estava doente foi atendido pela mãe de Aline. Enquanto a médica examinava o menino, ela começou a fazer perguntas da rotina da criança, pois este era um procedimento normal para interagir com os pacientes, até que ela perguntou:

– O que você quer ser quando crescer?

E o menino prontamente respondeu:

– Médico, ora!

A doutora, entusiasmada com a resposta do menino, disse:

– Mas você sabe que pra ser médico tem que estudar muito, né?

– Sei sim! Eu tenho oito anos, e até há alguns meses eu não conseguia ler nem escrever, mas aí a melhor professora do mundo teve paciência e me ensinou, ela disse que nada é impossível e que assim como eu não conseguia ler e agora consigo um dia eu posso ser médico sim, é só querer e me esforçar.

A doutora, já imaginando a resposta, perguntou ao menino:

– Qual é o nome dessa professora?

E o menino respondeu:

– Aline!

A médica não conseguiu conter a emoção e pensou que havia cometido um grande equívoco; que realmente a filha estava certa em sua escolha. Somente aí, essa mãe entendeu o grande papel que sua filha exerce, pois ela também lida com vidas e que um engano ou um acerto poderia marcar drasticamente o sonho de uma criança. A doutora entendeu, então, que aquele menino poderia realizar seu grande sonho de ser médico graças a uma menina que não desistiu do seu grande sonho, de ser professora.



O LÚDICO E A VIVÊNCIA, JUNTOS CONSTRUINDO SABERES

CRISTIANE MARTINEZ PEREIRA-PIBID FÍSICA

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Como contar uma história sem antes contar um pouquinho da minha caminhada, para que vocês entendam um pouco melhor a grandeza dos resultados aqui obtidos?

Sou formada em Física – Licenciatura, pela Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), trabalho há mais de dez anos em escolas da rede pública e privada da nossa cidade e sei o como é difícil para o professor ter oportunidade, tempo, material e principalmente estímulo para transformar e melhorar sua prática pedagógica.

Como educadora, sei da necessidade de sempre nos atualizarmos e fazermos troca de experiências, pois a educação é uma eterna troca de saberes entre educadores e também entre educadores e educando.

Como naquele momento eu possuía turmas de primeiro, segundo e terceiro ano, pensei em desenvolver um projeto, digamos, ousado. A ideia apareceu de forma clara, mas o desenvolvimento foi possível somente com a ajuda e participação do grupo de pibidianos que trabalhavam comigo.

O plano era de desenvolver uma prática que contemplasse os três anos concomitantemente, de forma a dar noções dos conceitos a serem estudados nos próximos anos e fazer uma revisão de conceitos já trabalhados. Com isso, havia o interesse de mostrar que a Física não se reduz a conceitos e fórmulas desconectadas. Montamos então uma grande maquete, uma minicidade construída em conjunto, onde foram aplicados vários conceitos físicos. Fizemos uma revisão das leis de Newton, empuxo, pressão, prensa hidráulica, mecânica dos movimentos, eletricidade e magnetismo.

A turma de primeiro ano teria de montar as estradas e o barco para navegar no lago, de modo que usamos medidas de tempo e distância para o conceito de velocidade, tipos de estradas, areia, isopor pintado e água na pista para demonstrar a influência do atrito nos movimentos. O barco foi feito de um retângulo de isopor com um copo plástico colado em cima, um furinho feito em sua base e um canudinho enfiado no furinho, como um escapamento.

A turma do segundo ano fez o lago, que nada mais era do que uma bacia circular; o lava-jato foi feito de palitinhos de picolé e que utilizaria o princípio da prensa hidráulica para elevar o carrinho e baixá-lo. Com duas seringas de diâmetros bem diferentes, elas foram conectadas com mangueira de aquário e assim funcionaria nosso elevador. No lago, demonstramos o princípio do empuxo, assim como o de ação e reação para o movimento do barco e a eletrólise para o terceiro ano.

O terceiro ano montou a iluminação com leds e pilhas em ligações feitas em série e paralelo.

Colamos uma grande placa de isopor em tacos de madeira altos, de forma que a bacia ficasse somente com a superfície na parte superior da maquete a galera do terceiro ano começou com a parte da iluminação os fios, saindo da parte inferior da maquete. O pessoal do segundo ano colocou o lava-jato com a parte hidráulica das seringas pela parte de baixo também. Fizemos a parte decorativa. O primeiro ano já tinha feito a construção das “estradas” e o terceiro ano finalizou agregando os carrinhos que nelas se movimentavam, impelidos pela força magnética com os palitinhos pela parte inferior da maquete.

O resultado foi simplesmente maravilhoso, a satisfação estava estampada no rosto de todos, pois sabíamos que tínhamos atingido o objetivo de construir saberes e vivências que ficariam para sempre na lembrança de cada um.

Agora, pergunto: se retirarmos o olhar científico de nossa maquete, o que ali foi construído por todos nada mais foi que um grande brinquedo, que, em conjunto, resolvemos doar à pré-escola para que os pequenos pudessem usar o nosso trabalho como um brinquedo e...

Por que não começar desde cedo a despertar a inquietação que movimenta a ciência?

Por que não?



UMA NOVA FORMA DE ESTUDAR E VER A FÍSICA

PATRÍCIA MILANO LONTRA – PIBID FÍSICA

ILUSTRAÇÃO: LUIZ GUSTAVO

Sempre ouvi falarem que a Física é horrível, difícil e que ninguém gosta dela. Eu mesma não simpatizava muito com essa área de conhecimento, mas o destino me levou em sua direção. Gosto das ciências exatas. Como não consegui entrar na graduação de matemática, fui para o curso de física.

Em minhas primeiras aulas, alguns professores expressavam a ideia de que a física é o nosso cotidiano, o que vivemos, tudo o que nos cerca tem algo que envolve física. Muitos nem percebem que ela está ao nosso redor. Outra reclamação frequente era de que a física é muito teórica e isso era muito errado. O certo era estudar física no dia a dia, estudar os fenômenos na natureza, estudar com experimentos ou até com jogos lúdicos, de modo que dever-se-ia aprender mais física do que apenas teoria. E foi o que fiz.

Entrei no Pibid Física e apareceu a oportunidade de trabalhar mais essa ideia, de criar uma nova maneira de aplicar a física usando o lúdico e, ao mesmo tempo, fazer os alunos do ensino fundamental e médio aprenderem a gostar ou até simpatizar mais com física. No Pibid, conheci uma aluna de graduação, Tatiane, que buscava os mesmos objetivos. Assim, começamos a criar e a discutir como poderíamos deixar a física mais divertida. Ideias que não faltaram, mas escolhemos um jogo para aplicar na MPU (Mostra de Produção Universitária) desse ano.

O jogo era um carrinho de corrida feito por nós, todo de material reciclável. Junto a ele prendemos um balão cheio de ar. Os alunos do ensino fundamental do nono ano participaram da brincadeira. Dividimos a turma em grupos e damos a um integrante do grupo um carrinho. Explicamos-lhes as regras e assim cada aluno se posicionou em sua posição, soltando na pista de corrida seus carrinhos. À medida que o ar do balão acabava, o carrinho perdia velocidade até parar. Todos os integrantes do grupo tiveram a oportunidade de colocar seu carrinho para correr.

Depois de um rápido intervalo para o lanche, foi pedido a cada grupo que respondesse a algumas perguntas. E o resultado foi que eles viram uma nova forma de estudar e ver a física. Acharam assim mais fácil de aprender. E pediram que, quando houvesse novas oportunidades, gostariam de participar de outros jogos usando a física.





A MINHA TURMINHA

ALESSANDRA BASTOS DA SILVA PADILHA – PIBID FRANCÊS

ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Penso que algumas das pessoas com as quais mais convivemos são os nossos colegas da escola. Com alguns, por um motivo ou outro, a proximidade nem é tanta, mas, outros, tornam-se verdadeiros amigos.

Hoje, flagrei-me lembrando momentos com alguns destes amigos que a escola me proporcionou. Primeiro, lembrei-me da Rejane que, em uma aula de português, emocionou a todos lendo uma redação que contava a história de sua vida. Rejane casou-se e teve filho bem jovem, um menino lindo e um tanto arreiro. Certa vez, ele riscou um livro que a diretora da escola havia lhe emprestado. Nós, colegas, achamos a maior graça, mas Rejane ficou roxa de vergonha. Lembro que a diretora fez graça do acontecido e pareceu levar numa boa. Dona Laura, lembro muito bem dela, uma mulher dotada de um profissionalismo incrível, de uma classe admirável. Por vezes, parecia-me que Dona Laura não tinha clara noção do enorme valor que possuía para a escola, para os alunos e para mim. Dela nunca me esquecerei e a levarei como exemplo, assim como a professora Raquel. Se um dia eu fosse seguir a carreira docente, gostaria de ser como ela, pois cumpria seu papel de forma exemplar. Sempre elegante, era mais do que educadora; era uma amiga.

Da professora Maria Luísa também não me esquecerei. Uma vez, ela me deu carona para casa e me deixou ir sentada na cadeirinha da sua filha. Eu já nem era tão pequena assim, mas me senti realizada. Ela e eu nos entendíamos apenas com o olhar e adorávamos dar umas boas risadas juntas.

Por sua vez, o Andrezinho, menino levado, agia sempre com espontaneidade e tirava de letra as situações embaraçosas em que se metia, como quando foi para a escola vestido de caipira no dia errado, inesquecível. Mesmo depois de grande, Andrezinho protagonizava cenas hilárias. Grande amigo!

Lembro-me de uma viagem para o Chuí que fizemos num fim de semana; ele, a Isabela e eu. Andrezinho aprontou tudo que tinha direito nos fazendo passar muita vergonha e dar barrigadas de riso. Melhor seria nem entrar em detalhes das cenas que ele protagonizou naquele dia.

Isabela também era da nossa turma. Para os que não a conheciam bem, era apenas uma menina meiga, calada e estudiosa. Para os que a conheciam bem – como Andrezinho, Fernando e eu – ela era uma menina brincalhona, inteligente e cheia de ideias incríveis. Muito devo a ela, amiga de todas as horas.

O Fernando também era tímido e inteligente. Andávamos sempre juntos, e eu me divertia acompanhando de perto suas histórias. Com ele e com a Daiane, passei uma das melhores férias de verão e um carnaval que resultou em histórias para o resto da vida. Esse carnaval rendeu o apelido de “dos Santos” para Daiane, mas, infelizmente, não posso contar o porquê.

Fernando foi um grande amigo e sempre será. Ainda que algumas circunstâncias da vida tenham nos impedido da convivência que existia antes, nada mudará o carinho que sinto por ele e tampouco apagará a lembrança dos bons momentos que vivemos juntos. Sabe por quê?

Porque amizade é entender o outro, é respeitar seus momentos, é rir, brincar, brigar, chorar, passar vergonha. É estar junto mesmo que haja quilômetros de distância separando o lado físico. É se preocupar e poder contar com uma pessoa mesmo que ela esteja lá na França, como a minha amiga Daiane.

Dentre as pessoas das quais sinto orgulho em ter tido na minha vida, algumas delas são esses amigos que fiz na escola e que levarei para o resto da vida.

Agora tenho uma nova turminha: Ana Clara que parece uma bonequinha, Isadora uma boa amiga, Lauren, a ruivinha dedicada e divertida, Fê e as Patis, todas muito queridas.

Que os laços se fortaleçam e que venham novas histórias, bonitas, divertidas e verdadeiras.



NO INTERVALO, UM CAFÉ...

PARA LUIS AUGUSTO ANDREOLI DE MORAIS *IN MEMORIUM*

PATRÍCIA VIATROSKI CARVALHO – PIBID FRANCÊS

ILUSTRAÇÃO: RODRIGO ROMEU

“Na faculdade se aprende muita coisa, mas é nos corredores que se conhece algumas grandes lições de vida!” – foi a conclusão a que ela chegou, após aquele encontro.

Sua vida estava de cabeça para baixo com a separação: primeiro, a casa solitária. Depois, ter de sair de lá para um pensionato. Enquanto isso, as aulas na faculdade não parariam, tampouco o trabalho. Olívia estava no segundo ano do curso de Letras e fazia estágio durante o dia. Além disso, ter de aturar o “resto do mundo” pensando e falando coisas sobre sua vida, no fundo, de alguma forma, incomodava-a. Então, para ocupar a cabeça, começou a fazer trezentas atividades diferentes – tudo o que podia: aulas de música em um projeto de extensão, disciplinas optativas, grupo de pesquisa, aulas de português como professora voluntária! Foi em meio a uma dessas atividades que ela o conheceu.

O professor Ciro dava aula para o curso de física na universidade já havia uns trinta anos. Ensinava matemática, mas, apesar da proximidade com os números, tinha uma sensibilidade para a escrita e para a música: publicara alguns livros e tocava instrumento de sopro na orquestra da universidade. Foi em um destes ensaios que foram apresentados e, com a convivência durante algumas semanas, tornaram-se mais próximos.

Não levou muito tempo e Olívia recebeu em sua casa uma correspondência. Era a notificação sobre uma ação judicial que estava sendo movida contra ela, pela família de seu ex-marido. Quando ele saíra de casa, ela acreditara que as coisas se resolveriam amigavelmente, mas, depois dessa carta, percebeu que não seria assim. Mesmo angustiada com a situação que se colocava, foi à aula e, depois, ao ensaio.

Antes da segunda atividade, foi tomar um café e pensar um pouco sobre o que se passava. Encontrou, então, o professor Ciro no corredor, de maneira que foram juntos. Não precisou uma palavra para que ele percebesse que algo a preocupava. Perguntou-lhe o que era e ela, espantada com o fato de ele ter percebido sua angústia, contou sobre a correspondência que recebera e que não sabia o que se passaria dali em diante.

– “Querem te fazer acreditar que és uma pessoa ruim! Precisas saber que não és! Todas as histórias têm dois lados e, quando eles entram em conflito, um quer mostrar que o outro está errado... é o caminho previsível das coisas”

A conversa reconfortou Olívia; ela entendeu que precisava, apenas, saber quem era e quais eram os seus valores, independentemente do que acontecesse! Ela sabia que tinha cometido acertos e erros, como todos! E aprendeu aquilo com o professor de matemática, no corredor da universidade.





UM SENTIMENTO EM COMUM

BIANCA BEATRIZ ROQUÉ – PIBID GEOGRAFIA

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Naquela manhã, três alunos da mesma turma tiveram um sentimento em comum no mesmo instante. Embora vivessem realidades distintas, compartilharam da mesma angústia.

Cíntia era determinada. Morava em um bairro distante da escola em condições precárias, mas nunca faltava à aula. As ruas não eram asfaltadas e o ônibus passava em seu bairro de hora em hora. O problema é que havia apenas um ônibus que saía de seu bairro de manhã e, caso ela perdesse, não teria como ir à escola, portanto, acordava todos os dias às 5h30min.

Vinicius, que morava perto da escola, geralmente ia a pé. Seus pais trabalhavam no período da manhã enquanto ele estudava; portanto, nunca faltava à aula, pois não havia ninguém para ficar com o jovem em casa e seus pais julgavam que ele não tinha idade suficiente para ficar sozinho.

Marina, apesar de sua pouca idade, já tinha grandes responsabilidades. Ela tomava conta de seus dois irmãos mais novos enquanto sua mãe trabalhava, e também cuidava da casa e preparava a comida. Todas as manhãs, quando ia para a escola, sua mãe já havia saído para trabalhar. Ela tinha a incumbência de preparar o café da manhã e levar seus irmãos até a casa da tia, que ficava a duas quadras da sua.

Naquela manhã de segunda-feira, chovia torrencialmente. No momento em que a mãe de Vinicius o acordava, Cíntia e Marina já estavam acordadas havia mais de meia hora. Vinicius argumentava com sua mãe que já tinha idade para ficar sozinho em casa e que não queria ir à escola, enquanto Cíntia procurava desesperadamente por um guarda-chuva, pois não podia se atrasar para pegar o ônibus. Marina, ainda sonolenta, preparava a mamadeira do irmão mais novo, enquanto vestia o irmão o meio.

Vinicius, resmungando, levantou-se da cama e vestiu-se. Olhou pela janela e viu que sua rua estava cheia de lama. Cíntia não encontrou o guarda-chuva. Provavelmente sua irmã mais velha otinhalevado, já que em casa não havia guarda-chuvas suficientes para toda a família, então correu na vizinha para pedir um emprestado. Marina percebeu que não conseguiria levar seus dois irmãos ao mesmo tempo sem que se molhassem, então colocou o mais novo no berço. Levou um e depois voltou para buscar o outro.

Choveu ainda mais forte. Vinicius percebeu que não conseguiria passar pela rua sem molhar seus calçados, então amarrou duas sacolas plásticas em seus pés. Seus pais o apressavam para tomar café. Como não havia mais tempo, pegou uma maçã e foi comendo a caminho da escola. Neste momento, Cíntia estava no ônibus, feliz porque não o perdeu, quase chegando à escola. Como teve que pedir o guarda-chuva emprestado à vizinha, no momento em que se encaminhava ao ponto o ônibus já estava partindo. Teve que correr e gritar, para que o motorista aguardasse um instante.

Marina, após cumprir todos os seus deveres, verificou se as janelas de sua casa estavam devidamente fechadas. Percebeu que estava atrasada, e pediu carona a um vizinho que saía de carro.

Os três colegas se encontraram na esquina da escola e foram caminhando juntos. Quando estavam entrando, a diretora os avistou e disse:

– O que vocês estão fazendo aqui com essa chuva? Hoje não haverá aula, podem voltar para casa!

Os alunos se entreolharam, suspiram fundo e regressaram caminhando pela chuva.



UM MUNDO NOVO

TUANA HERES - | PIBID GEOGRAFIA

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Faz tão pouco tempo que comecei um novo mundo, cheio de conhecimento e aprendizados, que nem sei como o descrever. Nesse novo mundo, o Pibid da licenciatura em Geografia, os participantes já eram velhos conhecidos, então foi um pouco mais rápido meu processo de adaptação. Quando vi, já fazia parte sem quase me dar conta disso.

Esse mundo me trouxe novas experiências e um olhar sob outra perspectiva. Já tinha vivido a sala de aula, mas não da forma que o novo mundo estava me apresentando. Já tinha dividido o espaço escolar com a minha futura colega de profissão, mas não da mesma forma que divido hoje: antes apenas observava, agora posso dividir esse espaço tão importante e cheio de aprendizado para mim e para os alunos, posso contribuir com minha visão, acrescentar às explicações de quem muito tem a nos ensinar, o que acaba sendo até um privilégio no meu começo de vida nesse novo mundo.

Além disso, esse mundo é cheio de surpresas e novidades. Nesse sentido, posso descrever os diários de sala de aula, que foram momentos "de mim comigo mesma", momentos de reflexão e expressão dos meus sentimentos e, como não dizer, momentos de mais aprendizado. Com o diário, foi possível perceber aquilo que meus colegas e eu sentíamos em relação ao novo mundo, e, como não dizer, que a escrita era também um momento de contar tanto o lado bom do que acontecia quanto de desabafar sobre o que não era tão bom assim, sem contar que nele estavam experiências de alegria na chegada e tristeza pela partida daqueles que já fizeram parte desse mundo.

O novo mundo também propiciou momentos de reflexão intensos, dos quais podíamos discutir melhor sobre determinados assuntos que constituem esse universo. As leituras e atividades propostas durante os encontros sempre foram vitais para minha adaptação e para que entendesse qual era meu verdadeiro papel nessa etapa que se iniciava. Esses momentos foram repletos de compartilhamento de ideias e trocas de experiências que serão levados para sempre, ou para qualquer novo mundo que possa vir.

Não posso esquecer os momentos de mais descontração, que também constituíram ocasiões de muito aprendizado e troca de saberes. Nesses momentos, sempre conversávamos sobre os mais variados assuntos e, mesmo sem querer, acabávamos por discutir sobre temas relacionados à construção desse novo mundo.

O novo mundo foi de grande importância, pois aprendi lições valiosas para vida, não apenas profissional. Aprendi a ouvir, conviver em grupo, e falar quando solicitada. Aprendi que ainda se tem muito a aprender, que o aprendizado será constituído durante a vida e que esta é apenas mais uma etapa a ser cumprida, e que muitas outras virão durante o nosso "novo mundo".



DIA DA CRIANÇA: DIA DE SOL E CALOR NOS CORAÇÕES

CARMEN AMARÍLIO - PIBID GESTÃO ESCOLAR

ILUSTRAÇÃO: LUIZ GUSTAVO

Dia da criança: dia de sol e calor nos corações. As escolas estavam em festa, criança merece e gosta de comemoração, olhos brilhando, gritos, sussurros, grandes espantos, enormes euforias, dia da criança é sempre alegria.

Sete escolas da cidade de Rio Grande (RS) se reuniram na "Bolha" (Centro Esportivo da FURG). O nome ajuda e o ambiente também, afinal dentro de uma bolha tudo cabe, sonhos, alegrias, inquietações, decorações, representações, músicas, danças, cores e sabores.

E assim aconteceu. Era uma linda tarde de sol e as crianças encontraram uma grande bolha decorada e colorida. Lá estava o Pequeno Príncipe, aquele que nos ensina que somos responsáveis por tudo que cativamos. E cativar era palavra de ordem naquele dia, cativar, encantar, divertir.

Narizinho e Emília também estavam presentes na decoração, lembrando Monteiro Lobato e todo seu universo infantil, qualquer problema é só dizer "pirlimpimpim" e tudo se resolve na mágica tarde, mas o que fazia lá a Cuca? Ah, sim, em dia de festa, a Cuca não assombra, ela também vira criança e vem comemorar ou comer muito, por que a Cuca é muito gulosa.

E guloseimas não faltaram na festa, doces, refrigerantes, pipocas, balas e, o melhor de tudo, bolo de chocolate, pois como diz a música da Xuxa "Vou te mostrar que é de chocolate, de chocolate que o amor é feito, de chocolate bate o meu coração".

E o coração das crianças, assim como o meu, batia forte entre os balões distribuídos, a apresentação dos corais, as danças alegres, as peças e brincadeiras; dia da criança é todo dia, mas este foi muito especial.





O ENSAIO

RENATA LOBATO - GESTÃO ESCOLAR

ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

A professora de dança Joana do programa de uma escola da periferia da cidade tinha uma turma mista de alunos com idade entre nove e 14 anos. Ela trabalhava com as crianças vários estilos musicais, mas o hip-hop era o mais pedido.

Entre os alunos, havia o menino Denis, o mais velho da classe, com 14 anos, e já possuía muita experiência com o hip-hop, sempre se destacando dos demais. Mas Denis não era assíduo nas aulas e sempre que comparecia arrumava um jeito de chamar a atenção dos outros alunos, quando não desrespeitava a professora Joana, por considerar que sabia mais do que ela nas aulas de dança.

Ao programar a apresentação de dança para o fim de ano, a professora se reuniu com seus alunos para escolher a música e discutir a coreografia. Nesse dia, Denis não estava, mas seu nome foi o mais falado pelos colegas que achavam que ele, por saber dançar mais do que os outros, deveria ser o destaque da apresentação. Então, Joana resolveu falar com Denis para lhe fazer uma proposta:

– Denis, a turma pensou na apresentação de fim de ano e escolheu você para dançar como o astro principal do nosso número. Mas para aceitar, você deve se comprometer a ir a todos os ensaios.

– Se eu sou o personagem principal eu não preciso ensaiar, porque eu já sei dançar mais do que eles! Eles devem ensaiar muito pra não fazerem feio perto de mim.

– Mas somos um grupo. E você, fazendo parte do grupo, tem de construir junto com os outros alunos a coreografia e ir aos ensaios. Mesmo todos nós sabendo que você dança mais do que os outros, eles ficarão muito felizes pelo seu empenho com o grupo e dedicação, podendo até ajudar os seus colegas com os passos.

– Eu, ajudar? Eles que aprendam sozinhos!

– Bem, o convite está feito, mas você tem de participar do grupo.

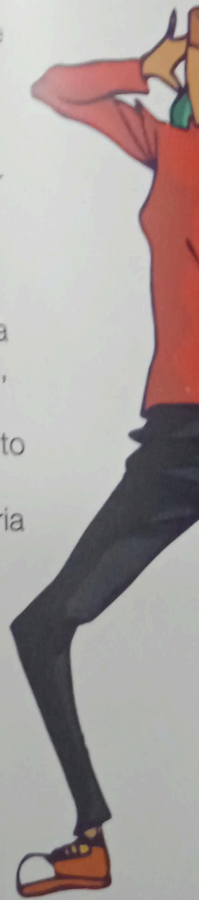
Denis começou a aparecer nos ensaios sem muita vontade. Quando ia, perturbava mais a turma do que ajudava. Nas últimas semanas, Denis faltou todos, chegando somente para o ensaio geral, um dia antes da apresentação. Quando chegou e começou a ensaiar, percebeu a melhora no desempenho dos alunos, que eles estavam entrosados com a música e que tinham ensaiado muito para aquela apresentação. E ele que tinha faltado à maioria dos ensaios, por mais que soubesse dançar, ficou perdido no meio da coreografia, ficando desanimado e dizendo que já não participaria da apresentação.

– Olha professora, amanhã eu não vou à apresentação!

– Não quero fazer feio na frente dos outros, não sei a coreografia e também não participei do grupo. Então eu não vou!

Joana, ao perceber que Denis estava arrependido por não ter ensaiado e que não iria mais se apresentar, foi falar com ele:

– Olha Denis, os seus colegas que escolheram você pra dançar, pois eles gostam muito da maneira que você dança e porque acham que você é bom, mas eu disse que você deveria ter vindo ensaiar. Eles ensaiaram bastante e a coreografia ficou muito boa.



Mas tenho certeza que ainda assim irão adorar que você dance junto amanhã.

- Mas como vou dançar se não sei a coreografia direito?

- Bom, nós podemos dar um jeito nisso, ao invés de você ficar na frente sempre você entra nas partes que se lembra, nas outras fica um pouco mais atrás, dando a frente do palco para seus colegas.

- Mas vão dizer que eu não sei mais dançar!

- É só você dizer que quis compartilhar a frente do palco com os outros alunos que se esforçaram tanto no ensaio, e o palco é de todos!

Denis aceitou participar da apresentação. Ficando um pouco no improviso, pois quando se lembrava da coreografia passava para frente, e nas outras horas ficava mais atrás, deixando seus colegas na frente.



DE VOLTA AO PASSADO

NORMA SANTOS MOTTA - PIBID HISTÓRIA

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Com mais de quarenta anos, ela sentia um vazio que muitas vezes confundia com solidão. Então, após pensar muito, resolveu voltar a estudar, fez o Enem e, em 2012, entrou na FURG para cursar História, seu sonho desde menina.

Achava que a jornada seria um mar-de-rosas, contudo, foi surpreendida pelo preconceito, que, no seu caso, não foi racial ou homofóbico, mas, sim por sua idade. Sentia um distanciamento por parte de seus próprios colegas de aula e, da parte de alguns professores, considerava-se sem oportunidade.

No ano seguinte, soube do projeto de Cultura Afro, que tratava do mapeamento da lei 10.639/03 nos currículos escolares. Procurou a professora responsável pelo projeto e, pela primeira vez, sentiu-se acolhida. Finalmente fazia parte de algo e poderia mostrar sua capacidade. Para ela, a experiência foi valorosa, pois ouviu depoimentos que a fizeram uma pessoa melhor.

No início de 2014, ela soube que as inscrições para a seleção do Pibid estavam abertas, projeto este que é do anseio da maioria dos alunos que fazem licenciatura, haja vista representar a oportunidade de começar a prática docente antes dos estágios.

Para sua satisfação, ela foi selecionada e agora fazia parte do Pibid de História, que tinha como proposta trabalhar para a inserção da História e da Cultura Afro-brasileira de modo curricular. Para ela estava tudo certo; mas, o melhor ainda estava por vir. Quando se reuniram para saber para qual escola iriam, veio a grande surpresa. Em meio a tantas que faziam parte do Programa, ela foi designada para a Escola Marechal Mascarenhas de Moraes. Não acreditava em tal coincidência, visto que foi ali que passara dois anos de sua adolescência, ou seja, a escola fazia parte da sua vida. Ali encontrou sua primeira amiga, viveu sua primeira dor com a perda de uma colega, seu primeiro amor. Então, como seria voltar?

Quando chegou à escola, um turbilhão de lembranças veio à sua mente, ela não precisava de apresentação como os demais pibidianos; já havia passado por cada sala e pouca coisa havia mudado naqueles trinta e poucos anos.

Em uma atividade do Pibid, quando os alunos pintavam máscaras africanas, ela conversava com eles sobre as diferenças entre escravidão, cultura, racismo e injúria racial, e os alunos faziam perguntas e relatavam a imagem que tinham do continente africano: a grande maioria achava que a África é um país, onde só há miséria, doenças como a Aids e o Ebola ou que é habitada por girafas, elefantes e leões ou, ainda, com negros sujos de barro. Assim, ela ia desconstruindo esta imagem dando-lhes exemplos de uma África composta por mais de cinquenta países, com uma cultura espalhada pelos demais continentes.

Estava submersa em sua conversa quando foi surpreendida por algo que não escutava havia muito tempo: a sirene da escola. Ficou ali parada desfrutando aquele momento e voltou ao ano de 1976. Depois, foi a primeira a chegar à porta e a olhar aquele corredor, como se fosse encontrar seus colegas. Uma mistura de saudade e emoção encheu seu coração, seus olhos ficaram marejados, ela agradeceu por estar ali e fazer parte do projeto, pois, agora como futura historiadora, poderia retribuir o carinho que recebeu na Escola e ajudar àqueles alunos a serem capazes, a partir de suas escolhas, de se tornarem sujeitos da própria história.



A ESTAGIÁRIA SONHADORA

ALICE COSTA – PIBID INGLÊS

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Era uma vez uma estagiária sonhadora e idealista. Ela sonhava em ser a professora mais legal e, ao mesmo tempo, competente. Acreditava ser possível ser amiga dos alunos, sem perder o controle da sua turma.

Foi com os olhos brilhantes e a mente aberta que ela entrou na sala de aula para o seu primeiro dia com a turma. Ela se empenhou para que todos gostassem dela, que entendessem o conteúdo e que aquela aula os deixasse ávidos para aprender.

Saiu da sala de aula uma professora derrotada e esquecida dos seus primeiros anos na escola. Muito tempo havia passado e aquela estagiária – agora professora – dos olhos brilhantes e da mente aberta, não mais existia. A professora, quase aposentada, não esperava que sua profissão voltasse um dia a ter valor.

Foi com os mesmos olhos brilhantes e a mesma mente aberta que uma jovem entrou na sala de aula da professora, após todos os alunos terem soltado. A professora, pensativa, descansava sua cabeça em cima dos braços cruzados. A jovem se aproximou e disse:

– Professora, vim aqui hoje para te agradecer pela grande diferença que fizeste na minha vida. Compreendo que os desafios da tua carreira são muitos. E, mesmo assim, é com enorme alegria que venho te contar que foram os teus olhos brilhantes e tua mente aberta que me fizeram escolher essa profissão. Hoje, me formei como professora e é a ti que agradeço.

E foi com aqueles olhos brilhantes e emocionados e a mente, novamente, aberta, que a professora abriu seus braços para a jovem. O mais admirável deste momento é que a jovem e a professora eram tão parecidas que se confundiram naquele abraço. Logo, elas eram a mesma pessoa.

Então, de sobressalto, a professora estagiária acordaria na sua mesa. Era somente um sonho! Ela havia cochilado no período do intervalo. Quem dirá quantas reflexões trarão esse sonho para a futura professora...



POR QUÊ?

GABRIELY C. PINTO – PIBID INGLÊS

ILUSTRAÇÃO: LUIZ GUSTAVO

– Com tanta coisa melhor para fazer, por que você quis ser professora?

Por alguns segundos não me caiu a ficha de que a pergunta era pra mim. Pedi para aluna repetir, tentando ganhar tempo. Como assim, por que eu decidi ser professora? Não é simples? Não é óbvio?

Foi pensando somente que percebi que não. Naqueles breves encontros que tínhamos na sala de aula, talvez nunca tivesse ficado claro que, apesar das brigas e da bagunça, eu gostava da profissão que tinha escolhido.

– Por que eu gosto de ensinar – respondi, achando que a curiosidade da criança seria saciada. Ah! Eu estava errada!

– Mas a senhora está sempre de mau humor!

Novamente me encontrei sem palavras. Sim. Era verdade que a turma deles era numerosa e agitada e, às vezes, chegava a me dar uma dor de cabeça, mas isso não significava que eu não gostasse de ensiná-los. Apenas que era um pouco mais complicado.

– Isso não é verdade. Sim, em alguns momentos é preciso ser um pouco mais inflexível com vocês, mas é porque se não, ninguém faz os exercícios. A gente se diverte de vez em quando.

– Na última aula, a Flávia saiu chorando! Não foi divertido.

Eu estava começando a perder a paciência. A aluna claramente ia ter resposta para tudo, resolvi que questioná-la era um jeito mais simples de mudar o assunto.

– Então tá. Se eu não fosse professora, o que eu seria?

– Não sei! A senhora poderia fazer algo que realmente gostasse. Minha mãe diz que a gente é feliz quando trabalha com o que ama.

Naquele momento, sumiu a irritação que aquela conversa me provocava, de modo que foi substituída por uma tristeza. Ela realmente achava que eu odiava a minha profissão?

– Olha, ser professora não é fácil e de vez em quando a gente acaba fazendo e dizendo coisas que depois se arrepende. Mas eu escolhi essa profissão por um motivo. Porque eu amo ensinar, amo ver meus alunos aprendendo. Talvez na correria do dia a dia, eu tenha me esquecido disso. Mas nunca deixou de ser verdade.

– A senhora realmente gosta de ser professora? – ela perguntou como se fosse a coisa mais absurda do mundo.

– Sim. Eu amo.

– Não parece!

Eu tive que rir. Aí estava um dos motivos de eu amar a profissão. Quando meus alunos cismavam com alguma coisa, era difícil fazê-los mudar de ideia.

– Bem, eu vou tentar mudar isso. Você pode me ajudar. E seus colegas também.

– Ok, se a senhora tá dizendo...

Ela ainda parecia meio incrédula, mas fiquei feliz de ter sido questionada daquela maneira. Talvez eu não estivesse mesmo deixando transparecer que ser professora era o melhor pra mim. Bem, se esse era o caso, com certeza mudaria!

POR QUÊ?



PALAVRAS NÃO DITAS

AYANA CELINA GONZATTI- PIBID MATEMÁTICA

ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Uma pessoa simplesmente sabe que fez bem quando consegue fazer outra chorar de rir ou ficar tão feliz a ponto de chorar. E naquele dia, eu fiz bem.

Acordei pela manhã, beijei minha esposa enquanto ela preparava o café da manhã das crianças, limpava a cozinha e ainda dava uma última conferida nos papéis que precisaria apresentar logo mais no trabalho. Peguei um torrada, que comi enquanto procurava os sapatos, fui ao banheiro e me vesti. Seria um dia importante hoje, mas eu ainda não sabia.

Ao sair de casa, Sofia, minha adorável garotinha de oito anos, sentada no banco de trás do carro, perguntou:

– Pai, você teve um professor favorito?

– Não sei, meu amor. Não consigo lembrar-me agora de um em particular – respondi para Sofia que me olhava com aqueles olhos curiosos e azuis.

– E o seu? Quem é seu professor favorito? Perguntei.

– Papai – e sorriu.

Após alguns segundos, recordei os tempos de escola, o que fez despertar em mim sentimentos e emoções vividos naquela época. Estacionei o carro, levei Sofia até a porta da sala de aula e me desloquei rapidamente até o local em que trabalho. Ao chegar à direção, disse:

– Terei de sair agora. É muitíssimo importante, depois eu recupero o horário.

Sai em disparada pela cidade, passei numa floricultura, em uma livraria, depois em casa e segui em direção a um asilo. A pessoa que eu precisava ver naquele momento se encontrava naquele local, praticamente esquecida.

Assinei o livro de visitantes com um nó na garganta; fazia muito tempo que não a via, mais de uma dezena de anos... Foi então que caminhei em direção ao quarto 24 e bati lentamente na porta.

– Pode entrar – respondeu uma voz rouca e desgastada pela idade.

Entrei devagar, contendo a vontade de agir novamente como uma criança e simplesmente dar pulinhos pela sala e bombardear com palavras animadas aquela senhora que se encontrava sozinha no quarto. Esse momento me fez lembrar uma boa época, uma época decisiva que influenciou o meu futuro.

– Olá professora, como está? – perguntei, sorrindo.

Ela retribuiu o sorriso e se apoiou na bengala para levantar, veio até mim e me abraçou. Foi uma sensação maravilhosa. É como quando alguém tropeça na rua, você estende a mão e a pessoa ri. É como um filete de luz solar que aquece o peito, revigorante.

Passei todo o dia sentado na poltrona próxima à dela, conversamos sobre a época de escola, entreguei-lhe as flores, um livro e o álbum de formatura, no qual destaquei minha foto. E afora isso, agradei por tudo, de coração.

Com lágrimas nos olhos, ela sorriu novamente, em seguida levantou outra vez e me abraçou. Fui embora com a sensação de dever cumprido e sabendo que voltaria mais vezes, como prometera a ela antes de fechar a porta.

É importante lembrar-se dos momentos em sala de aula, mas também é importante lembrar-se de quem lhe proporciona isso. Tudo começou com um sorriso daquela mulher, com um tapinha de apoio no ombro e muitos momentos de conversas. Aquela que um dia me inspirou a seguir uma carreira maravilhosa: ser professor.



A CONQUISTA DE MATEUS

FLÁVIA CEIGLINSKI BELMUDES – PIBID MATEMÁTICA

ILUSTRAÇÃO: RODRIGO ROMEU

Alguns anos atrás, numa pequena escola, havia um aluno chamado Mateus, famoso entre as professoras por sua agitação e incessantes brincadeiras durante as aulas. Mateus era muito engraçado, mas não ia nada bem na escola, suas notas estavam baixas e, apesar de estar na oitava série, carregava duas disciplinas da sétima série, já que a escola oferecia o benefício de "dependências".

As professoras já sabiam que Mateus passava por problemas em casa com seus pais e que toda aquela agitação poderia ter relação com esta situação. Mesmo assim, nenhuma professora tinha paciência com suas atitudes e estavam sempre brigando com ele.

Começava o mês de maio e uma de suas professoras precisava ser substituída. A nova professora se chamava Ana e ela daria aula na dependência de Matemática na sétima série, disciplina que ele carregava. Como havia poucos alunos nessa turma, a professora procurou atender para cada um e observar suas dificuldades. Mateus não parava um minuto sequer, estava sempre fazendo uma brincadeira ou outra.

Com o decorrer da aula, a professora Ana começou a perceber que brigar com Mateus nada resolvia, então ela começou a tratá-lo de forma diferente, tentando cativá-lo para que prestasse mais atenção nas aulas, às vezes até usando as próprias brincadeiras dele para explicar o conteúdo. Com isso, Mateus começou a sentir-se importante e valorizado, pois nenhuma professora o tratava assim, todas já chegavam até ele cobrindo-o de avisos e recomendações.

Além disso, a professora começou a perceber que ele tinha uma capacidade incrível, mas não conseguia manifestá-la devido a sua agitação e falta de concentração.

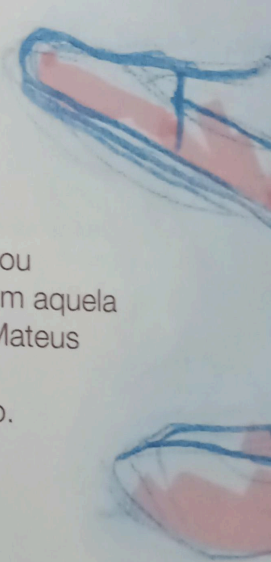
O ano foi passando e Mateus começou a adorar as aulas de matemática da professora Ana. Melhorou seu comportamento e conseguia prestar atenção na aula. Foi então que a professora marcou uma avaliação. Na aula seguinte, a professora divulgaria as notas. No dia da divulgação, o resultado da prova de Mateus não poderia ter sido melhor.

– Mateus, parabéns! Você gabaritou a prova! – disse a professora.

Mateus ficou tão eufórico e radiante que não sabia o que fazer. Todo agitado, não parava, para lá e para cá, de tão contente que estava.

Como ele era muito engraçado, todos se divertiram com sua euforia. Quando a professora terminou de dizer as notas, Mateus a pegou no colo e saiu pela escola. A professora ficou toda encabulada com aquela atitude, mas viu que Mateus queria expressar que ela era parte de sua conquista. Depois disto, Mateus conseguiu melhorar suas notas e finalizar o ano, concluindo assim o ensino fundamental.

Esta história é inspirada em um fato real. É uma história de dedicação, motivação e superação. Infelizmente, a professora abandonou o magistério e preferiu seguir outra carreira profissional.





A NÉVOA TRISTE

ROSILENE MEDINA BORBA - PIBID PEDAGOGIA

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Há pouco tempo, uma névoa triste encobriu um pequeno reino, fazendo que muitos perdessem a alegria, e que as crianças parassem de brincar. Nas escolas, pairava um silêncio profundo, as professoras estavam hipnotizadas e obedeciam às ordens do Senhor Opressor que queria a todos dominar.

As crianças pareciam robôs, sentadas enfileiradas, imóveis. Quando alguém tentava puxar conversa, logo era repreendido e obrigado a voltar ao lugar.

Logo, tudo que trouxesse alegria ou que fizesse pensar, como: cantar, dançar, ler e imaginar foi proibido. Afinal, pessoas pensantes são difíceis de controlar.

Como não há mal que sempre dure, contudo, em um lugarzinho isolado deste reino, um grupo começou a se formar: meninas esperançosas se reuniram para acabar com o feitiço. Elas acreditavam que o poder de mudar o mundo pertence às crianças. Por isso, precisavam fazer que fossem as primeiras a serem libertadas da maldição da névoa. Sob a liderança de uma guerreira corajosa, traçaram um plano: se disfarçariam de professoras, chegariam até as escolas e, quando estivessem a sós com as crianças, cantariam, dançariam e soprariam um pó mágico cheio de imaginação.

Até que, finalmente, chegou o momento esperado. Aos poucos, as crianças se soltavam, brincavam, pulavam, riam e se encantavam. A escola foi ficando diferente: as crianças podiam falar, observar o mundo a sua volta, pesquisar coisas novas, pular, jogar, brincar, era um jeito novo de aprender e de ensinar.

A melodia cantada ia ficando cada vez mais alta, mais vozes se uniam em uma só canção:

Tristeza, porque você não vai embora
e faz a alegria voltar?

Tristeza, porque você não vai agora
e deixa a alegria em teu lugar?

Em um bater de asas de borboleta, as crianças despertaram. Alvorçaram-se, os olhinhos curiosos voltaram a brilhar! A tristeza lançada pela névoa foi enfraquecendo, quando as crianças voltaram para suas casas, ajudaram seus familiares a também se libertar. Para isso, era preciso simplesmente cantar, dançar, acreditar e deixar a imaginação funcionar.

Fique atento, pois o Poderoso Opressor anda por aí a espreita, observando as escolas, tentando lançar a névoa da tristeza. Observe sua escola, sua turma! Perceba se as crianças estão obrigadas a passar horas sentadas, caladas! Observe se jogar e brincar não fazem parte do dia a dia da sala de aula, se não há música e dança nem contação de histórias, cuidado porque seu professor ou professora pode estar sob o domínio da névoa. Talvez seja preciso reunir os amigos, mergulhar no mundo das histórias, cantar, dançar e brincar para sua escola libertar!



ESCOLA

COMBATE
A
NEVOA
TRISTE

TRUPE enCANTADA

CÉLIA MARIA DA SILVA SOARES – PIBID PEDAGOGIA

ILUSTRAÇÃO: CARLO DIEGO

Era uma vez um grupo de estudantes do curso de Pedagogia que gostava de ir a vários locais onde havia crianças em contextos e com vivências diferentes. O grupo passou por um bom período sem nome, no entanto, muitas sugestões foram se criando. Ao final, uma das integrantes teve a ideia: 'e Trupe enCantada? Porque o objetivo das meninas era cantar e encantar as crianças com o seu trabalho'. Assim, por unanimidade, ficou intitulado desse modo, com esse lindo nome.

O grupo, que contava com cerca de treze estudantes, nem era da mesma sala de aula, turno ou período do curso, mas o desejo pelo aprendizado e novas experiências reunia-os semanalmente para discutir meios que pudessem melhorar esses encontros com as crianças.

Era um tal de fazer fantasias, lembrar de letras de música, de coreografia, do que as crianças gostavam ou não e, ao final, era nervosismo e ansiedade para que o evento acontecesse!

Em um dos momentos, com crianças de cinco e seis anos, a Trupe enCantada foi a uma escola cantar, dançar e encantar as crianças. No início, como quase sempre, essas estavam meio tímidas, foram se soltando aos poucos. Brincaram bastante, ficaram curiosas, queriam ficar perto das enCantadas.

No encerramento, alguns meninos, uns quatro, reunidos em um ladinho da sala, conversavam cochichando, olhando e rindo entre eles. Uma das encantadas, que tinha o cabelo vermelho, também curiosa pela cena, foi perguntar o que eles tãriam e disse a eles que queria rir junto.

Foi então que os meninos disseram que haviam descoberto tudo:

– Ah, é?, – disse ela. Eles continuaram:

– Sim, nós descobrimos que vocês são superpoderosas e têm superpoderes de cantar e pintam o rosto só para se apresentar!'

Um deles ressaltou:

– E tu pintas o cabelo de vermelho só pra cantar, né?

Ela concordou com eles, dizendo:

– Nossa! Vocês são muito inteligentes, descobriram tudo!

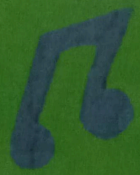
Os meninos abriram um sorriso lindo e ficaram muito felizes, achando-se o máximo por terem descoberto o segredo da trupe!

Assim, com histórias semelhantes, a Trupe enCantada seguiu se fortalecendo com sorrisos, abraços, histórias e crianças que sempre saíam felizes de suas apresentações. E as meninas saíam mais felizes ainda! O que as crianças não descobriram é que esse grupo de encantadas era alimentado dos sorrisos, da felicidade de cada criança que voltava para casa cansada de tanto dançar e cantar com a trupe.

O encanto da trupe era fortalecido pela fantasia ou sonho das crianças, era a força que movia e mantinha o grupo com energia para seguir o trabalho adiante, en-Can-tan-do!



2



PROFESSORA, QUANDO VAMOS ESTUDAR GRAMÁTICA?

JEICI VEGA PEREIRA DE ÁVILA – PIBID PORTUGUÊS

ILUSTRAÇÃO: LUIZ GUSTAVO

Nicole adorava preparar suas aulas, tinha muito cuidado para selecionar os textos que seriam trabalhados e buscava temáticas que buscassem produzir sentido para seus alunos, pois, para ela, era muito importante que a turma participasse e conseguisse relacionar suas experiências ao tema abordado. Assim, ao fazer uso da linguagem, eles estariam aprendendo muito mais.

A professora Nicole se dirigiu para mais uma de suas aulas de língua portuguesa. Os alunos a esperavam ansiosos porque, nas aulas ministradas por ela, eles podiam participar, expor suas ideias. Sentiam-se valorizados de modo que, juntos, construíram uma relação de carinho e respeito.

Deu-se início à aula; o texto escolhido era uma crônica que falava do lixo, mas com uma abordagem diferente. O autor era um conhecido escritor gaúcho. A professora falou um pouco desse escritor e trouxe algumas obras para mostrar aos seus alunos. Eles olhavam as capas, folheavam as páginas, enquanto a professora falava sobre os livros, inclusive, um deles continha o original do texto que leriam. Isso foi comentado por Nicole.

A crônica foi lida por um dos alunos. Todos acompanhavam com suas folhas, em seguida, a partir de indagações da professora, foi-se promovendo o debate. Os alunos tinham muito que dizer. Era criado, então, um momento mágico de interação entre todos os personagens desta história, mediados por Nicole.

De repente, uma das alunas interrompeu a fala de uma colega exclamando:

– Gosto tanto dessas aulas de português, mas...

Um silêncio tomou conta do ambiente. Todos estavam esperando o que a aluna Júlia diria. Júlia ficou encabulada, porém, resolveu ir adiante com seu comentário, dizendo:

– Professora, quando vamos estudar gramática? Estudar os conteúdos mais importantes?

A turma toda ficou alvoroçada, todos falavam ao mesmo tempo. Foi então que a professora Nicole interferiu. Ela pediu para que se acalmassem e que a ouvissem. Começou a explicar:

– Um texto é constituído de palavras que se relacionam com outras palavras e vão produzindo sentido e, dependendo dessas relações, essas palavras podem ter uma classificação diferente. Ora podem ser um substantivo, ora um adjetivo, enfim, tudo irá depender do contexto em que elas estão inseridas.

Os alunos estavam todos observando a explicação da professora. Nicole continuou:

– Quando falamos ou escrevemos, escolhemos as palavras que mais bem expressam aquilo que intencionamos dizer. Isso é fazer uso da gramática, Júlia. Estudar gramática é perceber qual o significado de todas aquelas regras em seu uso efetivo. Ou seja, estamos estudando as regras gramaticais em todas as nossas aulas, quando lemos, quando entendemos e discutimos os textos, quando produzimos nossos próprios textos.

Os alunos ficaram pensativos por uns instantes. Júlia chegou perto da professora e disse que, a partir daquela explicação, tudo começava a ficar mais claro, que realmente adorava as aulas da professora e que ela não queria mais ter aulas de Português que a fizessem decorar todas aquelas listas enormes de conteúdo que não produziam sentido nenhum, pois aquelas eram aulas de “decoreba”, dizia ela.

A professora, que sempre confiou no seu método de ensino, ficou muito feliz pelo fato de seus alunos compreenderem e gostarem de suas aulas. Eram aulas que sempre privilegiaram a interação entre todos, que buscavam contribuir para a formação dos alunos como indivíduos críticos, nas mais diversas situações.

Bate o sinal. A aula chega ao fim. Nicole despede-se da turma com a convicção de que esse é o caminho certo, que não existe um modelo pronto de aula, que a aula é construída e reinventada a cada dia, tendo como elementos fundamentais a sabedoria, o carinho e o respeito.



NA ESCOLA, UMA INESQUECÍVEL LIÇÃO

ROSELY MACHADO – PIBID PORTUGUÊS

ILUSTRAÇÃO: VINÍCIUS RODRIGUES

Era uma vez uma linda escolinha infantil, localizada no centro do interior de São Paulo. Nela estudavam muitos alunos, pequeninas crianças que tinham entre cinco e seis anos de idade. Lá, havia muito espaço para brincar, o pátio era enorme e as professoras, muito amáveis.

Dentre as pessoas dessa escola, havia uma menina muito sapeca, espoleta mesmo, mas só fazia traquinagem na hora do recreio porque na sala de aula era muito comportada, atenta a tudo que se passava ao seu redor. Convivia bem com os coleguinhas e, de vez em quando, gostava de ficar quieta no cantinho dela e aí, então, observava com maior atenção de tudo um pouco, inclusive aquelas meninas mais exibidas da escola, talvez mais ricas porque, diferentemente dos demais, levavam para o lanche bolachinhas recheadas.

Ah, que pecado, a menininha ficava com água na boca, quando via os colegas lambendo aquele recheio de morango, hum! Aquilo era demais para ela que trazia, na sua lancheira rosa, apenas o simples pão com mortadela e Ki-Suco, que atualmente equivale ao refresco Tang. Nossa, isso é antigo mesmo!!

O fato é que, na lembrança da menininha, o cheiro saboroso do recheio de morango das bolachinhas ainda lhe dá água na boca, só que hoje, já crescida, ela pode comprar o que quiser, além do pão com mortadela, é claro. Mas voltemos à infância dessa menininha, especificamente à lembrança de um fato ocorrido na escola que merece ser narrado.

Nessa escola, havia um dos alunos que era gordinho, quer dizer, bem gordinho, na real ele era gordo mesmo, mas isso não o impedia de brincar, correr, jogar bola, e tudo isso o fazia suar, transpirar muito, principalmente nos dias de muito calor. Então, aquele suor escorrendo pelo rosto do menino gordo chamava atenção da menininha, inclusive, incomodava muito vê-lo com aquelas bochechas vermelhas, suando daquele jeito: um “porquinho” na opinião dela.

Então, eis que um dia, na hora do recreio, o gordo, cujo nome era Jorge e estudava na mesma turma da menininha, saiu correndo ao ouvir o sinal tocar para o intervalo. Ela correu atrás dele e começou a chamá-lo assim:

– Gordo, gordo, gordo!

Insistiu tanto em provocá-lo que, em vez de ignorar, o gordo, quer dizer o Jorge, conseguiu agarrá-la pelo braço, segurou-a com toda força, levou-a até um banco que havia no pátio coberto e, prontamente, sentou-se em cima dela. Ah, que doce o sabor da vingança! Por alguns segundos, que mais pareceram uma eternidade, ele não se moveu. Enquanto a garotinha esperneava, gemia quase sem fôlego, aquele bumbum enorme pressionava mais e mais seu frágil corpinho.

Inesperadamente e para alívio de todos os que estão lendo esta história, o menino Jorge resolveu se levantar. Ufa, a menininha conseguiu respirar, cambaleando se levantou, ajeitou os cabelos, a saia do uniforme escolar e os dois se entreolharam, prevalecendo neste instante um silêncio mortal entre ambos. Bastou! Nunca mais ela iria chamá-lo de gordo, foi o que pensou ao fitá-lo bem no fundo dos olhos: era quase um pedido de desculpa, meio que disfarçado porque a vontade dela era pular no pescoço dele.

O interessante é que hoje, ao refletir sobre este fato marcante, a menina, hoje mulher, sabe que recebera uma lição naquele dia, pois dali em diante jamais pensou em apelidar alguém por sua característica física. Eis a lição aprendida no ambiente escolar que permaneceu na lembrança da menina como um ensinamento positivo: o respeito ao próximo.





A AULA DE QUÍMICA DE EDUARDA

ANDREIA VASCONCELOS – PIBID QUÍMICA

ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Eduarda, aluna que não gostava muito da escola, ia lá de vez enquanto visitar a sala de aula. Fazia o primeiro ano do ensino médio à noite, em uma escola longe de sua casa. De dia, trabalhava em uma padaria no centro da cidade.

Uma bela noite de verão, faltando dois meses para acabarem as aulas, em plena sexta feira, Eduarda se sentia muito cansada para ir à escola, mas, curiosa, resolveu ir para conhecer a nova professora de química, já que seus colegas do turno da manhã a elogiavam muito.

A professora antiga, a Cleuza, teve de mudar de escola e, assim, Cláudia assumiu também as turmas da noite, até chegar uma nova professora que ficaria em seu lugar.

Eduarda chegou à escola, como sempre atrasada. Subiu correndo as escadas, pois a sua sala de aula ficava no terceiro andar. Entrou na sala e a professora já se encontrava sentada em sua mesa fazendo a chamada. Seguiu em direção a uma classe vazia, no fundo, onde suas amigas sentavam. Perguntou como todas estavam e começou a conversa com elas.

A professora terminou a chamada e, como estavam poucos alunos, pediu para que eles sentassem mais à frente para conversar um pouco com eles. Eduarda não queria sair dali, pois não gostava de sentar-se na frente. Mas como todos se levantaram e foram, ela resolveu ir também.

Cláudia começou dizendo que hoje eles iriam ver duas das mais importantes funções inorgânicas: os ácidos e as bases. Então ela começou a fazer algumas perguntas para seus alunos.

– Por que precisamos conhecer este assunto?

– O que precisamos conhecer previamente, antes de falar sobre o conceito na linguagem química?

A professora esperou para ver se alguém respondia, mas um silêncio tomou conta da sala de aula, parecia que não havia ninguém na aula, nem a respiração se ouvia. A professora então começou.

– Ácidos e bases são substâncias muito utilizadas no laboratório, na indústria e que está bastante presente no nosso cotidiano. Precisamos saber quem elas são, suas características e reações, a fim de se apropriar do conceito químico e aplicar no nosso dia a dia.

A professora então começou a mostrar exemplos presentes no nosso cotidiano através de slides. Um deles é a maceração de uma folha de repolho roxo que, diluído com água, permite obter uma solução roxa que antigamente era muito usada como indicador de ácido e base, pois, em presença de ácidos, a solução de repolho roxo adquire a coloração avermelhada e em meio básico à coloração verde-amarelada.

Fábio, aluno dedicado e muito comunicativo, pergunta à Cláudia:

– Dá exemplos, "Sora", de substâncias ácidas e básicas que nós utilizamos.

Cláudia responde:

– E aí, pessoal, alguém sabe dizer para o colega exemplos de ácidos e bases que estão conosco, todos os dias?

Júlia diz:

– Vinagre.

Cláudia responde:

– Muito bem! E é o quê: ácido ou base?

Eduarda logo interrompe a professora e diz:

- Acido!

Claudia fica curiosa em saber mais de Eduarda:

- Por que você acha isso, Eduarda?

- Ah, porque quando eu coloco vinagre em cima da salada de repolho ela fica meio avermelhada.

A professora fica satisfeita com a resposta e a elogia:

- Muito bom, é isso aí mesmo!

Claudia continuou a aula e seus alunos, empolgados, começaram a dialogar uns com os outros, trazendo exemplos.

Quando terminou a aula, todos permaneceram na sala, inclusive Eduarda, querendo continuar o trabalho com o conteúdo.

Eduarda foi para a casa com seus colegas e, no caminho, comentou da aula de química. Ela acabou se esquecendo

do cansaço de sexta-feira, final da semana e, em seus

pensamentos, foi organizando um tempinho de seu

sábado para estudar química, pois a professora

mostrou de modo diferenciado a matéria, além de

ter sido produtiva a aula.



A BOLA COM O DOIS PENDURADO

TATIANE SOUSA – PIBID QUÍMICA

ILUSTRAÇÃO: RODRIGO ROMEU

Numa fria noite de inverno, em uma das amplas salas históricas da escola, acontecia a minha aula de Química para uma turma de primeiro ano. Esta turma, numerosa, era considerada uma das melhores do noturno, pois os alunos eram participativos, pontuais e responsáveis com as atividades solicitadas.

Tratava-se de uma aula onde eu explicava conteúdos sobre ligação covalente. Todos estavam quietos, “prestando atenção” a minha explicação, o que me deixou contente. Ao final da explicação, perguntei:

– Todos entenderam? Alguma dúvida?

Não houve nenhuma manifestação, o que me fez acreditar que eu tinha conseguido explicar o assunto de forma satisfatória. Porém, ao estranhar a falta de participação da turma, pedi aos alunos que copiassem em seus cadernos os exemplos que estavam anotados no quadro. Sentei-me em minha cadeira satisfeita, mas intrigada com o silêncio deles. Fiquei observando.

Para grande surpresa, quebrou-se o silêncio e surgiu então a pergunta bombástica:

– “Sora”, o que é aquela bola com o dois pendurado?

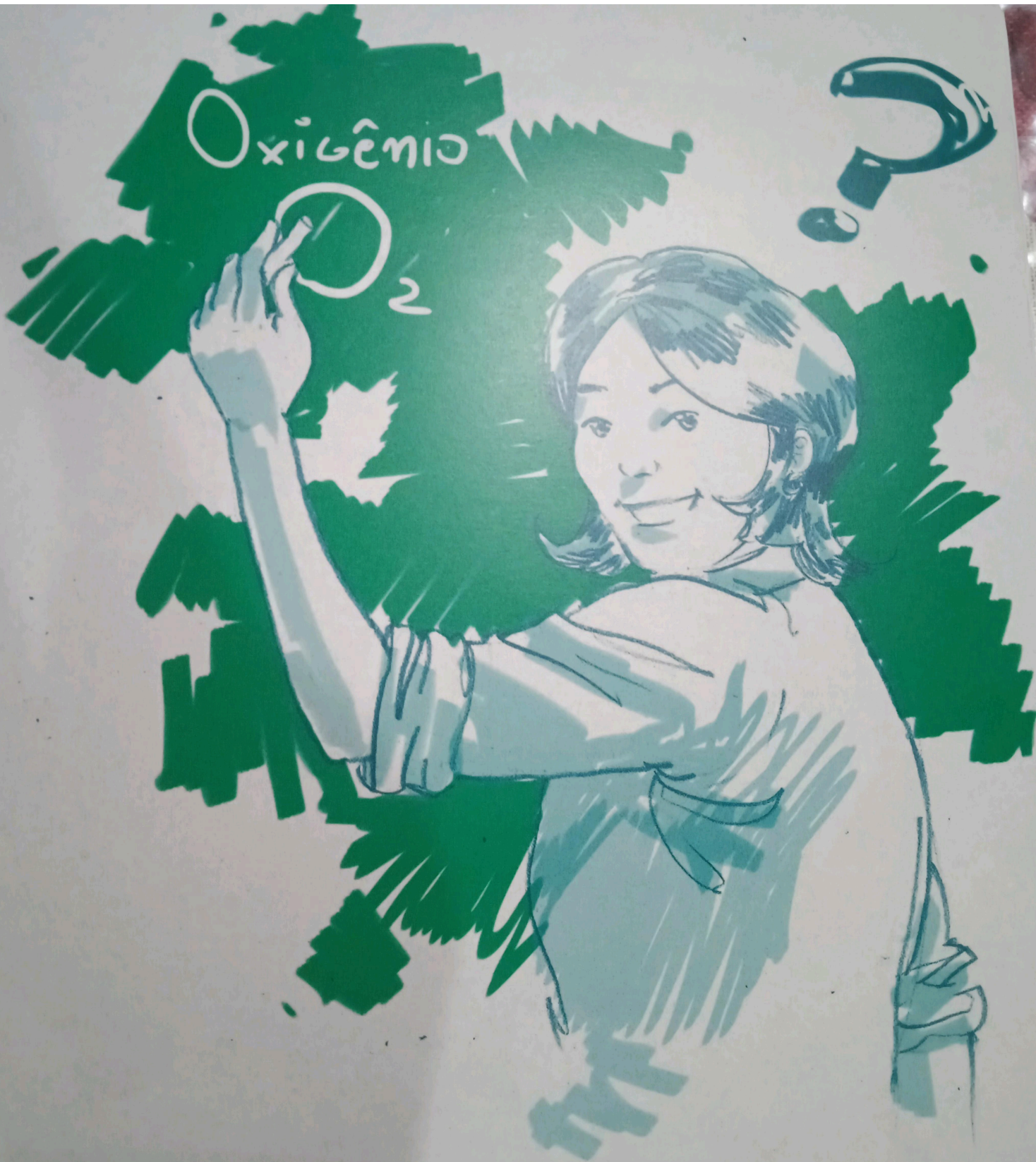
Por um momento, pensei em ter entendido mal a pergunta, então solicitei ao rapaz que fizesse novamente a pergunta. Ele repetiu e era o que eu havia entendido mesmo. Enquanto isso, todos os outros alunos continuavam calados, olhando-me como se também tivessem a mesma dúvida. Como dizemos ao modo gaúcho: “me caiu os butiá do bolso!”

Tratava-se da fórmula molecular do gás oxigênio (O_2) – a bola com o dois pendurado!

Levantei-me da cadeira e me dirigi ao quadro-negro para explicar novamente. Mas foi então que pensei: se eu explicar da mesma forma, eles continuarão sem entender. Preciso de outra forma para explicar. Então lancei perguntas à turma, lembrando conceitos já vistos, como átomo, elemento químico e molécula.

Que maravilha! Começávamos então a entender do que se tratava a “bola com o dois pendurado”, ou melhor dizendo, começávamos a construir um conhecimento. A turma participativa ressurgiu protagonizando a aula de Química. Agora sim, eu estava feliz e satisfeita com a minha aula. Como mediadora do processo, percebi a importância da pergunta para a aprendizagem coletiva e significativa.

Bateu o sinal para o término da aula, que era a última da noite, e então fui guardar meu material. Carreguei comigo o dois pendurado por um bom tempo. E esta aula me fez e faz refletir até os dias de hoje sempre que acabo uma aula: “O silêncio nem sempre significa entendimento, é preciso ouvir o outro”.



O ESPLendor DO AZUL DO MAR

GÉISELA SAN MARTINS FONSECA - PIBID EDUCAÇÃO AMBIENTAL
ILUSTRAÇÃO CARLO DIEGO

Era um azul lindo e cristalino, quando batia a luz do sol, toda a vida neste lugar, se transformava em cores vibrantes e vivas.

Quando o dia não mostrava o sol, este lugar se tornava mais escuro, havia vida de todo o tipo neste azul profundo do oceano.

Peixes e seres vivos de todas as espécies, todos se entendiam e tinham uma comunicação maravilhosa.

Um belo dia chegou mais dois novos peixes, que não faziam parte do cardume, peixinhos diferentes, ao chegarem naquele lugar lindo, onde ao movimentar da água, toda a vida no fundo do mar vibrava, foram recebidos com um lindo bater de nadadeiras.

Um desses novos peixes que chegava para se unir ao cardume, percebeu, que no cardume dos lindos peixinhos, tinham dois em especial, que se achavam diferentes por algum motivo, e se isolavam.

O peixinho novo veio lentamente, batendo suas nadadeiras, fazendo uma acrobacia, na tentativa de chamar a atenção dos dois que estavam afastados. De tanto fazer piruetas, o peixinho novo, chamado Furg, chamou a atenção de um dos peixes, da espécie Gama, então, ambos se aproximaram e começaram a com suas borbulhas trocar experiências e compartilhar de como eram suas vidas, antes e depois de encontrar o cardume. O Furg descobriu que os peixinhos Gama têm muitos sonhos e projetos, juntos e separados do cardume. São extremamente espertos e ágeis no fundo do oceano, tem habilidades incríveis que muitos outros peixes do cardume não têm.

O Peixe Furg, ficou extasiado com tanta criatividade, vida e sonhos que os Peixes Gama têm, e certamente, com ajuda de todo o cardume, e dos peixinhos Furg, os peixinhos

Gama conseguirão ir muito além do que todo o fundo do mar espera.



DANÇA DA ABORDAGEM

FABIANA CANUSO LAURINO - PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA
ILUSTRAÇÃO: LUIZ GUSTAVO

Certo dia na escola comentei com alguns alunos que queria dar uma aula de dança. Sem falar a modalidade, houve alguma resistência da parte dos meninos, dizendo que dança é coisa de menina e eles não participariam.

Depois de um tempo esqueci-me da tal aula de dança e preparei uma aula de vôlei para juntar a turma na hora do jogo. Quando desci com a turma para o ginásio, observei que os meninos e algumas meninas estavam em uma rodinha e, com a música no auto-falante do celular, eles estavam dançando!

Sem interferir na espontaneidade deles, entrei na roda para verificar os passos que eles dançavam, surpreendi-me ao ver que era hip-hop e eles estavam moldando as "bases" para improvisar e "disputar" entre eles a melhor performance.

Fiquei feliz pelo fato de não se importarem por eu, a "sôra", estar junto com eles na roda de dança, antes da aula planejada, e feliz por estarem se divertindo e dançando sem o preconceito de achar que dança é somente para meninas, quando era a maioria dos meninos dançando.

Ao longo da manhã, a aula de vôlei ocorreu como o planejado, de modo que comentei com um dos meninos que havia evitado o meu convite para a aula de dança, que é possível sim entrosar a turma com a dança, pois ele e a turma toda praticamente dançavam antes da aula, e ele me disse:

—Pois é, "sôra". A gente dança porque é comum pra gente, mas uma aula de dança seria estranho.

Então indaguei que a aula não seria como eles imaginavam, eu os forçando a dançar o que eu gostaria, mas vê-los dançando e improvisando o que eles gostam, no caso a dança de rua.

Não tive a oportunidade de realizar a aula de dança pois o ano letivo acabou. Contudo, aqueles minutos de diversão com eles improvisando na "roda" foi extremamente compensador, para ver um pouco da realidade deles e perceber que a dança faz parte da vida deles!





A ATITUDE DOS “DONOS DA QUADRA”

THAIS MORTOLA DIAS – PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA
ILUSTRAÇÃO: DIOGO GONÇALVES

Não imaginava que na rotineira manhã de terça-feira, algo me marcaria e impressionaria durante a aula de educação física da turma do oitavo ano.

Como de costume, os meninos utilizavam a quadra para jogar futsal, enquanto as meninas praticavam outras atividades em outros espaços locais da escola.

Naquele dia, contudo, um grupo de meninas solicitou ao professor também a utilização da quadra para a prática do handebol. Desse modo, o professor se dirigiu até a quadra e pediu que os meninos a dividissem com as meninas.

Neste momento, uma atitude realmente inesperada foi tomada pelo menino, que afirmou e verbalizou que não dividiria a quadra, pois eles estavam utilizando-a e ali não seria praticado outro esporte que não fosse o futsal.

Logo, impondo alguma autoridade de professor e enfrentando a resistência do aluno, a quadra foi dividida e a prática dos esportes distintos foi realizada com êxito.

Assim, diante desta atitude, pude perceber o quanto o futebol é um esporte hegemônico dentro das aulas de Educação Física, a ponto de o próprio aluno pensar que outro esporte não poderia ser praticado.

Outra questão embutida nesta atitude diz respeito ao fato de os meninos pensarem que, apenas porque praticavam o futsal, seriam os “donos da quadra”, sendo que, no entanto, os espaços da escola são públicos e de acesso de todos os alunos.

Com a intenção de “igualdade de direitos”, a atitude do professor foi a melhor possível, visto que em muitos casos temos de recorrer à autoridade para enfrentar os desafios que aparecem na “vida escolar”.



UM ALUNO MUITO ESPECIAL

SIMONE GINAR DA SILVA - PIBID EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ILUSTRAÇÃO: LUIS GUSTAVO

Era março, primeiro mês de aula, numa escola pública do bairro-balneário Cassino, em Rio Grande, cidade histórica do sul gaúcho.

A professora planejou com a sua turma do 3º ano do Ensino Fundamental, uma aula-passeio até a beira da Praia do Cassino, para conhecerem a história do lugar onde moram.

Na turma havia um menino muito especial: o Pedro.

Pedro tinha quinze anos. Apresentava deficiência visual e motora, o que dificultava os seus movimentos.

A turma adorava Pedro, ele era muito carinhoso, alegre e amigo. Eram colegas de turma havia três anos.

Durante a organização do passeio com o grupo, Pedro gritou:

- Ah! Eu vou participar do passeio professora! Eu vou! Oba!

A professora rapidamente afirmou:

- Claro! Vamos todos!

Chegou o grande dia! Muito calor, sol e nenhum vento, que é característico na região.

Toda turma na frente da escola. Prontos para a grande aventura!

Pedro chegou acompanhado de sua mãe, que falou à professora:

- Professora vou acompanhar vocês, pois a cadeira de rodas de Pedro é muito pesada e, em alguns momentos do trajeto, vou levá-lo de carro.

- Com certeza Marta! Todos iremos!

A turma inteira como sempre, queria empurrar a cadeira de Pedro, que nesse dia estava muito feliz com a aula diferente.

Saíram pela avenida principal do bairro e, em cada estação do passeio, a professora contava um pouco da história do lugar.

Durante o percurso, muitas curiosidades sobre a história do Cassino foram contadas pela professora: a origem do nome do bairro, as primeiras construções, a história da ferrovia... Em cada parada, os alunos sentiam-se cada vez mais parte da história e também contavam histórias sobre o lugar!

Enfim, a turma chegou à beira da praia. Pedro lá estava radiante!

Os salva-vidas viram a dificuldade do grupo para levar Pedro até a água e o auxiliaram, além de darem uma aula muito interessante sobre o mar para todos.

Os alunos entraram no mar, fizeram esculturas na areia, observaram, coletaram materiais e interrogavam a professora e os salva-vidas.

Ao retornarem da praia, a professora organizou a turma para o lanche coletivo, numa sombra da avenida principal do bairro. Começou a questionar o que o grupo aprendeu com o passeio e do que mais gostaram.

- Professora eu aprendi o significado da palavra "Cassino" – disse João.

- Eu aprendi que havia uma estrada de ferro aqui na avenida. Gostei das casas antigas – falou Ana rapidamente.

- E tu Pedro, o que aprendeste? – perguntou a professora.

- Eu aprendi que devemos repartir nosso lanche com os colegas e essa foi a parte do passeio que eu mais gostei! Nós juntos sentados na rua, conversando. Eu amo meus amigos! Eu te adoro professora!

Naquele instante, a professora sentiu o quanto Pedro era realmente um aluno muito especial. Abraçou-o e escondeu suas lágrimas. Lágrimas de felicidade por ter aprendido muito com ele. Sobre o respeito, o amor e a solidariedade, em seu movimento da docência na escola pública, com liberdade, dignidade e alegria.



CRÉDITOS

ORGANIZAÇÃO

Ioni Gonçalves Colares
Maria do Carmo Galiuzzi
Vivian da Silva Paulitsch

ILUSTRAÇÕES

Carlo Diego Silveira Alves
Diogo dos Santos Gonçalves
Luis Gustavo Lesxistão dos Santos
Rodrigo Dias Romeu
Vinícius Cardoso Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Diogo dos Santos Gonçalves
Vinícius Cardoso Rodrigues

CAPA

Diogo dos Santos Gonçalves

REVISÃO

Marlise Bassfeld-Muhme

AUTORES

ARTES VISUAIS

Andressa Farias Barrios
Claudia Moraes Silveira Tavares

ESPAÑHOL

Juliane Nunes de Lemos
Marla Cristine Madeira Pereira

PORTUGUÊS

Jeici Vega Pereira de Ávila
Rosely Machado

PEDAGOGIA

Rosilene Medina Borba
Célia Maria da Silva Soares

EDUCAÇÃO FÍSICA

Thais Mortola Dias
Fabiana Canuso Laurino

QUÍMICA

Andréia Vasconcelos
Tatiane Sousa

GEOGRAFIA

Bianca Beatriz Roqué
Tuana Heres

FRANCÊS

Alessandra Bastos da Silva Padilha
Patrícia Viatroski Carvalho

BIOLOGIA

Peterson Kepps
Lidiane Ramos da Silveira

INGLÊS

Alice Costa
Gabriely C. Pinto

FÍSICA

Cristiane Martinez Pereira
Patrícia Milano Lontra

MATEMÁTICA

Ayana Celina Gonzatti
Flávia Ceiglinski Belmudes

GESTÃO ESCOLAR

Renata Lobato
Carmen Amarílio

HISTÓRIA

Kathleen Kate Aguirre
Norma Santos Motta

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Simone Ginar da Silva
Gêisela San Martins Fonseca

COORDENAÇÃO DO PIBID- FURG

Profª Vivian da Silva Paulitsch ,
Profª Maria do Carmo Galiazzi e
Profª Ioni Gonçalves Colares- PIBID INSTITUCIONAL

Profª Aline Guerra Dytz e
Prof Luiz Fernando Mackedanz- FÍSICA

Profª Celiane Costa Machado- MATEMÁTICA

Profª Carmem G. Burgert Schiavon e
Profª Derocina Alves Campos Sosa- HISTÓRIA

Profª Ana Paula Votto, Profª Sonia Marisa Hefler e
Profª Daza De Moraes Vaz Batista Filgueira- CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

Profª Luciani Salcedo de Oliveira- INGLÊS

Profª Maria Josefina Israel Semino de López-ESPANHOL

Prof Moacir Langoni de Souza- QUÍMICA

Profª Rosely Diniz da Silva Machado- PORTUGUÊS

Profª Ivana Nicola Lopes e
Profª Vivian da Silva Paulitsch- ARTES VISUAIS

Profª Cláudia da Silva Cousin- GEOGRAFIA

Profª Eliane Misiak- FRANCÊS

Profª Ana Laura Salcedo de Menezes- GESTÃO ESCOLAR

Profª Dinah Quesada Beck e Profª Eliane Meirelles Leite-
PEDAGOGIA

Profª Danielle Monteiro Behrend- EDUCAÇÃO AMBIEN-
TAL

Profª Mirella Valério e Prof Luis Felipe
Hecktheuer- EDUCAÇÃO FÍSICA